

**Para além
da Sucata**



Arrancar uma porção do território da nossa predatória da nossa espécie é um enorme desafio. Um dos motivos é que a voracidade é enorme e o apetite da humanidade por novas terras e por mais recursos naturais é infinita. Um outro motivo é que viver com biodiversidade, respirar junto com uma profusão de espécies e poder esticar o olhar até onde a vista alcança é algo subversivo.

Ou seja, é subversivo mostrar que outra forma de viver é possível. Mostrar que é possível conservar paisagens, apostar nos produtos da floresta, entender os manguezais, restaurar os ecossistemas, insistir nas árvores, sentir o vento, ver o reflexo do céu nos rios e nos mares, tudo isso coloca em xeque a nossa sociedade e suas escolhas.

A realidade de muitas áreas protegidas da Amazônia dá a dimensão da diversidade de possibilidades de formas de viver. Em Terras Indígenas, Reservas Extrativistas e Reservas de Desenvolvimento Sustentável, há gente vivendo no ritmo da floresta, por gosto e por escolha.

Quando a produção da Terra do Meio se organiza e ganha escala, fica claro que é possível viver na floresta, gerar produtos de valor, atrair empresas, desenvolver novos produtos com elas, enfim criar alternativas. A Terra do Meio é uma área no Pará, que engloba as reservas extrativistas do Riozinho do Anfrísio, a do Rio Iriri e a do Xingu e as Terras Indígenas dos povos Arara, Xipaya e Curuaya. Ali, surgiu

um novo elemento da economia da floresta: a rede de cantinas. Hoje já são 22 cantinas que funcionam como entrepostos comerciais.

A ideia da cantina revisitou um modelo do século passado, os barracões dos patrões, onde os seringueiros deixavam sua produção, mal paga, e pegavam produtos de sua necessidade, a preços mais que abusivos. Nas cantinas da Terra do Meio, as coisas são diferentes: quem manda é a comunidade, por meio de um cantineiro escolhido por ela, a produção tem preço justo e os produtos a serem adquiridos também. Além disso, existe uma preocupação em substituir produtos industrializados oriundos da cidade por outros, ali da floresta mesmo. Um exemplo é trocar a farinha de trigo pela farinha de babaçu.

Nessa região do estado do Pará, onde a regra é grilar e desmatar, ao sul de Altamira e de uma das sucursais do inferno, a hidrelétrica de Belo Monte, a rede de cantinas mostra que outro mundo é, de fato, possível. Um mundo onde representantes de grandes empresas brasileiras andam dois dias de voadeira para chegar a uma Terra Indígena, sentam horas em bancos de madeira desconfortáveis, dormem em redes improvisadas, tudo isso para olhar nos olhos de ribeirinhos, beiradeiros, extrativistas e indígenas e discutir o preço dos produtos da floresta. Como se não bastasse isso, saem gratificados, levam seus profissionais para um intercâmbio de conhecimentos

nas aldeias e comunidades da Terra do Meio e voltam em toda ocasião que podem.

Quando as mulheres Kayapó, do coração do estado do Pará, revelam ao mundo sua beleza, expressa na pintura corporal, nos adornos de miçangas e em seus cortes de cabelo, mostram que não há limites para o belo. Que ele não cabe nos padrões restritos da nossa sociedade, nem se confina a cidades e produtos de beleza industrializados.

Quando a maior área contínua de manguezais do mundo é em grande parte protegida por pescadores, catadores de caranguejos e marisqueiras, comprometidos com a manutenção desse ambiente, ganhamos todos. Os manguezais mantêm as linhas costeiras, moderam eventos extremos, funcionam como berçários de peixes e outros animais marinhos e tem relevância global no balanço de carbono. Ali foram estabelecidas diversas reservas extrativistas como Soure e de Caeté-Taperaçú, São João da Ponta e Mãe Grande do Curuçá, mas a proteção dos manguezais do Salgado Paraense já vem de antes, por parte de uma gente que possui uma compreensão do tempo ecológico dos manguezais e de suas criaturas e vive numa outra lógica. As reservas extrativistas, nascidas das experiências de Chico Mendes e diversos outros seringueiros nas florestas do Acre, sacramentaram essa forma alternativa de viver e deram, às comunidades do Salgado Paraense, um horizonte de possibilidades.

Quando os índios da Terra Indígena Médio Rio Negro 2, no estado do Amazonas, decidem por um programa de turismo comunitário, nas Serras Guerreiras de Tapuruquara, eles apresentam ao mundo uma outra forma de viver, uma outra relação com o tempo, com a floresta, com o rio e com o trabalho.

Terras indígenas são a possibilidade de dar espaço de existência para os mais de 300 povos indígenas que vivem no Brasil. Oportunidade de conviver com outros modos de vida, outras formas de conhecimento, uma janela para fora da hegemonia da nossa sociedade do desperdício e do consumo.

Reservas extrativistas e reservas de desenvolvimento sustentável ajudam a manter elementos culturais locais, formas únicas de viver, moldadas pelo convívio das comunidades rurais com a rica diversidade biológica brasileira. Mais uma vez, trata-se de um vislumbre de outras possibilidades de vida. Essas unidades de conservação trazem em seu âmago uma semente tão revolucionária que ameaçam o sistema vigente, colocam em xeque os escusos interesses locais e ajudam a enxergar um céu de possibilidades entre as árvores da mata...

Enquanto essas alternativas são desprezadas, o ronco das motosserras se faz ouvir de todos os cantos da mata e o fogo arde, queimando a mais exuberante floresta do planeta, vale lembrar das lições de dois indivíduos

especialmente lúcidos. Um é José Lutzenberger que dizia que uma sociedade que deve criar áreas para proteger a natureza de si mesma, não pode estar certa. Outro é Manoel de Barros, poeta do Pantanal, que dizia que “tudo que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso uma graça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade.”

Amazônia

E eu com isso?

nurit bensusan

ilustrações de Taisa Borges

